DINA MARIA MARTINS FERREIRA
Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
São Paulo, Brasil
dinaferreira@terra.com.br

Identidade Política Em Inter-Histórias: Mídia E Estética

O macrotema desse estudo é a identidade social do feminino mostrada e construída historicamente. O eixo analítico vai se prender a questões do holismo e atomismo, da metafísica e pragmatismo. Esses enfoques vão ser discutidos a partir de matéria discursiva, *Eneida* de Vergílio e discursos midiáticos recolhidos em *Caras* e *Quem*, revistas de circulação nacional, de teor temático de brilho e fama das classes artística e social, publicadas durante o primeiro semestre de 2002.

A idéia de trabalhar esses questionamentos partiu de artigos controversos em que acadêmicos expõem a possibilidade de convivência de opiniões diferentes em um mesmo espaço, nos quais Paulo R. Margutti Pinto e Kanavillil Rajagopalan conversam com Richard Rorty (*apud* Pinto et ali., 1998). A instigante controvérsia mostra ao leitor que discordância não pressupõe exclusão das partes em discussão. Baseada nesse pilar é que ousamos demonstrar que a significação da identidade feminina pode ser entendida sob vários flancos, privilegiando aquele em que nossa escolha reflita nossas crenças:

> "Nós pensamos que há muitas maneiras de falar sobre o que está acontecendo, e que nenhuma delas está mais próxima do jeito como as coisas são em si mesmas que qualquer outra." (Rorty, 1998, p.15).

Vamos entender as perspectivas propostas de maneira simples, fora de uma retórica filosófica empolada, sem se ater a "métodos" teóricos, mas em busca de uma justificação validada:

> "Os assim chamados métodos são apenas descrições das atividades nas quais se engajam os entusiásticos imitadores e alguma mente original – que Kuhn chamaria de os "programas de pesquisas" que o trabalho destas mentes originais fez surgir." (*ibidem*, p. 28)[1].

Junto a tentativa de mostrar a não fixidez de um olhar analítico, adotando multiplicidades de perspectivas, o verdadeiro foco é indagar como o construto feminino caminha e se transforma no histórico da natureza humana. A leitura holística sustenta que "organismo social é algo mais que a simples soma dos seus membros e é também algo mais que a simples soma das relações existentes entre os membros." (Abbagnano, 2000, p.512), logo atende a um apanhado totalizante do que seja a identidade do feminino . A metafísica aqui se "une" ao holismo, pois pressupõe em suas prerrogativas conceituais atingir a "essência" de um ser separado e imóvel no mundo. Se toda essência indica o todo, tem-se a fundação de um princípio organizador do que seja feminino. Por outro lado, o atomismo afirma que a sociedade

> "é constitutiva de elementos simples irredutíveis, cujas diferentes combinações explicam todas as suas modalidades(...) (sendo que) atomismo social é usado freqüentemente para designar as doutrinas individualistas que consideram a sociedade resolúvel inteiramente nos indivíduos que a compõem (*ibidem*, p. 92).

Atomismo, parte-do-todo, nessa proposta, pode se aliar ao pragmatismo rortyano pelo excesso de subjetividade em detrimento à objetividade, além de uma visão contingencial do que seja o ser feminino.

Na realidade a proposta argumentativa organiza-se em dois flancos: a essencialista-fundacionalista que se organiza em torno de que abordar a identidade, na linguagem e no mundo, é vê-la em sua essência totalizante; e a contingencial que organiza o conceito de identidade do ser manifestando-se no instante histórico-social em que se insere. É metafísica contra pragmatismo? É essência contra contingência? É o todo contra a parte? Será que dois pólos controversos não podem conviver, ou melhor, solidarizar-se um com outro na percepção do sujeito feminino?

Para que a questão possa ser "lida" argumentativamente, vamos fazer um contraponto entre figuras femininas, da *Eneida*, século I, e figuras femininas refletidas pelos holofotes da mídia, século XXI. Vamos utilizar dois corpos discursivos "díspares" pela distância de tempo e espaço, pela distância sociocultural, e pela distância do tipo de gêneros discursivos. Pela do gênero discursivo, tem-se dois patamares que pela investigação tradicional se fazem antagônicos, pois literatura trabalha com estética e mídia com a informação ordinária. Antagonias que vão sendo neutralizadas pelo construto do feminino.

No primeiro momento, o *tópos* analítico vai se ater ao levantamento de atributos partilhados entre figuras femininas de momentos históricos diferentes. No partilhar de atributos, fronteiras históricas vão se tocando, ao mesmo tempo, que vão mostrando a neutralização entre gêneros do discurso.; E por processos inter-atributivos estabelecem-se o encontro de gêneros de discursos, o literário e o midiático, e a manifestação da figura feminina.

Entende-se por atributos, categorias/funções, assumidas em por sujeitos femininos em seu espaço e tempo. Propriedades vão indicar, pela repetição, constância e comunhão de atributos, características da natureza humana feminina. Atributos são históricos, propriedades meta-históricas.

---

[1] Não está aqui uma posição anti-ética nem cética. Mas, sem ser uma mente original, procuro caminhar ao lado dos imitadores, mas com uma certa rebeldia consciente da não-singularidade humana.

Na *Eneida*, Dido, rainha de Cartago, no dever de condutora de um império, expressa a categoria do poder

> "... assim era Dido,. Assim alegre caminhava entre os súditos, incitando-os ao trabalho para o futuro império. Depois, chegando ao limiar do santuário, sob os tetos do templo, assenta-se, rodeada pelos guardas, no alto do trono. Distribui justiça e dita leis aos seus homens, partilha igualmente os trabalhos ou os sorteia,... (Livro I, p.47);

poder balançado pelos extremos da paixão:

> "... este homem me afetou os sentidos e abalou o coração: reconheço os vestígios da antiga chama..." (Livro IV, p. 110)
>
> (...)
>
> Com estas palavras inflama de amor um coração já ardente, enche de esperança a mente hesitante e afrouxa o pudor (*ibidem*, p.112)
>
> (...)
>
> Dido arde de amor e a paixão penetrou-lhe até os ossos..." (*ibidem*, p.113).

Dido diz atributos – dever e paixão - , atributos que no século XXI manifestam-se em outras figuras. É o dever de representante do poder da rainha Elizabeth II da Inglaterra em seu jubileu de reinado, que desempenha papel similar ao de Dido; ambas são envolvidas pelo cortejo do poder:

> "Mas o jubileu levou , na terça-feira, 4, um milhão de súditos e turistas às ruas para acenar bandeiras e acompanhar o cortejo real passar pelas ruas de Londres."[2]

O casamento da princesa Martha Louise da Noruega ratifica a relação de poder-nobreza e amor frente a seu eleito: "Espero manter para sempre o amor e respeito que tenho por Ari" .

Nos atributos do dever e da paixão, Dido também se encontra na figura de Patrícia Pillar, atriz famosa, namorada-esposa do presidenciável Ciro Gomes; luta em amor pela vitória do companheiro, faz-se presente no processo da propaganda eleitoral, usa a sua fama de atriz da Globo para chamar atenção sobre seu parceiro.

Enquanto figura da fortaleza, que luta, sorridente, contra a doença câncer nas mamas é a amazona Camila:

> " No meio do morticídio, exulta a amazona Camila, que traz a aljava e um seio descoberto para melhor combater; e ora espalha com a mão deusa nuvem de dardos, ora vibra, com a incansável destra, a forte machadinha; retinem em seus ombros o arco de ouro e as arenas de Diana. Mesmo quando ela é obrigada a virar as costas e fugir com o arco, dispara para trás as setas velozes." (Livro XI, p. 336).

Deslizam formas significantes, mas o conteúdo fortaleza é durável na história do feminino: em vez do seio descoberto de Camila mostra a cabeça calva (descoberta) de Patrícia Pillar, resultado da quimioterapia; em vez de dardos usa sorrisos; em vez de arcos e arenas usa o olhar confiante e os ombros altivos. Sobrepondo discursos e identidades, Patrícia Pillar é aquela que "traz a aljava" na cabeça descoberta., ao lado de sua paixão Enéias-Ciro, na luta de alcançar a vitória da "guerra".

Pentesiléia, amazona furiosa "com os seios descobertos e sustentados por um boldrié de ouro..., se atreve a medir-se com os homens" (Livro I, p. 46). Da mesma forma, não importando as intenções políticas, a Sra. Romário, esposa do famoso jogador de futebol brasileiro Romário, equipara-se ao masculino pela força física. É a sensualidade feminina no físico masculizado. Sua imagem, segurando o peso, mostrando musculatura exagerada, com o olhar de "tudo-posso-conseguir", mostra a mulher transitando no universo da força física masculina .

Lavínia, princesa e noiva de Turno, é a filha protegida, e a que

> "...ouvindo o que dizia sua mãe (...) inundou de lágrimas as faces ardentes; vivo rubor cobre-lhe o rosto e uma onda de calor percorre-lhe o corpo..." (Livro XII, p.348).

Da epopéia a revistas populares, de *Eneida* a *Caras*, respectivamente, Lavínia se encontra com Raica Oliveira, *top-model* brasileira, também protegida pelos carinhos de sua mãe, Conceição de Oliveira:

> "Acompanhada pela mãe,..., ela vive em Nova York há dois anos,mas sempre que possível viaja ao Piauí para visita a avó(...) e rever os amigos e a família em Teresina. Junto aos parentes Raica é tratada como uma rainha... A morena admite que gosta de ser mimada, principalmente quando a mãe prepara seus quitutes."

As fragilidades filiais se tocam, enquanto proteções maternais se avivam. Amata, mãe poderosa de Lavínia, não se detém em problemas para defender a filha:

> "... não temendo cometer um maior sacrilégio e tornada mais furiosa, corre e esconde a filha nos montes cobertos de frondosas árvores, para roubá-la ao matrimônio com o teucro e retardar a cerimônia nupcial..." (Livro VII, p. 211).

E Xuxa, rainha dos baixinhos, apresentadora de maior fama na televisão brasileira, não mede esforços de segurança para proteger (esconder) sua filha das violências possíveis a pessoas ricas e famosas, em uma sociedade de diferenças sociais muito fortes. É a mãe que diz: " O melhor presente para o meu coração eu já tenho: é a minha filha" ; é a mãe que mostra o aparato de segurança que circunda sua família.

Muitos outros atributos, alocados em figuras diferentes, espaçadas pelo tempos históricos, podem continuar a se encontrar, tanto manifestados no lingüístico quanto na iconicidade midiática. O espaço literário diz e o midiático diz e mostra, acolhendo a natureza representativa da linguagem. Atos de fala e atos de figura mesclam-se, pois

---

[2] Os textos da mídia, *Caras* e *Quem*, não têm referências separadas, pois atendem ao propósito analítico de que há o discurso midiático em contraponto a discurso literário.

> " Os atos de fala como os de figura são estudados concomitantemente nos discursos sincréticos da mídia, já que esta focaliza, impulsionada pelos processos de globalização da tecnologia e comunicação, próprios da atualidade, a sociedade a expressão de todos os seus ritos e linguagens (Strôngoli, em prelo)".

A primeira questão se apresenta. Pode a linguagem representar o ser na linguagem ou apenas diz/faz – em ato de linguagem - o ser naquele instante? Parece-me que os exemplos atendem a várias perspectivas: a linguagem tanto linguaja o ser feminino no mundo quanto o feminino é linguajado. Tanto Dido diz/faz/mostra o mundo do século I, quanto Patrícia Pillar, o do século XXI. O deslizar de significantes é indubitavelmente contigência de uma época, pois cada espaço e tempo tem a sua forma significante de se manifestar e de se fazer; cada significante linguaja diferentemente mundos primevo e atual. Patrícia diz ao "mostra(r) por que é a melhor aliada de Ciro Gomes", seu sorriso e sua "calvice" fazem coragem e força, seu sorriso expressa o amor, seus ombros ao lado os de Ciro Gomes, um querer-poder vitorioso. Dido diz e sente "os vestígios da antiga chama", "arde de amor" e "afrouxa o pudor". Diferentes quando situadas historicamente, simultâneas quando se equivalem em categorias atributivas. Cada momento é uma contingência histórica, um instante amoroso específico, mas a linguagem que mostra o feminino pode representar fragmentos do ser feminino. É mais fácil deslizar em significantes, mais difícil anular os significados. Os feixes sêmicos de cada figura não são os mesmos, podem haver mudanças, exclusão e inclusão, mas, devido pertencerem a campos semânticos de traços equivalentes, poderiam não só referendar atributos assumidos em suas histórias, como também caracterizar propriedades do universo identitário do feminino. Parte de essência convive com o contigencial social.

O nosso jogo de linguagem em convergir pontos de vista já mostra a neutralização de fronteiras teóricas na "metodologização" do construto identitário, pois construto é transformação, mudança. Como fixá-lo a rédeas teóricas? Ele se manifesta, ou, não importa, é manifestado. Linguagem e mundo se entrecruzam.

Não se nega comportamento pragmaticista das figuras femininas que agem em categorias que melhor lhes aprouver em seus instantes espácio-temporais. No entanto, contingências podem se irmanar em seus feixes sêmicos. A subjetividade na qual os atributos vivem, vislumbrando a natureza feminina, é espargida em linguagens. Logo, linguagens fazem sujeitos-histórico que, pelo compartilhar de traços significativos, podem representar o sujeito feminino meta-histórico.

A metáfora é uma grande instrumento argumentativo, daí trabalharmos agora com a idéia de botox, uma substância paralizadora de movimentos. Em todas as áreas de vida e de ciência há uma tendência muito grande a se adotar o botox como uma forma de se sentir bem no mundo. Fixando, estereotipando, essencializando marca-se o fim das indagações. Se ampliarmos a aplicação da metáfora do botox, sentimos o "real", porquanto o ser não gosta que mexam em seu cotidiano, não gosta que tirem suas coisas do lugar, dá ao enfeite um um lugar fixo em sua sala, as rugas não devem aparecer, pois indica o passar o tempo, o passar de um estado para outro. O "imexível" provoca bem-estar e dá o controle sobre o todo. O alívio se processa. O instável da contingência cessa a nossos olhos.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Nem instabilidade, nem fixidez. Esse olhar sobre as propriedades não pode ser entendido como um meta-instável (Pinto, 1998, p.36), uma posição um pouco holística e um pouco atomística, cujas polaridades podem ser entendidas em uma perspectiva anatômica. A identidade circula por um organismo anatômico de vida social (e também individual, mas não aqui abordado), onde os átomos atributivos de identidade seriam epifanias que vislumbram o holístico de propriedades anatômicas. A significação de anatômico não nega a instabilidade, haja vista a própria idéia de movimento em qualquer organismo de caráter anatômico. Mas também visa indicar a idéia do todo.

Não quer-se dizer que a equivalência de atributos e a conseqüente chegada a uma propriedade indiquem a essência do ser, mas que os valores assumidos pelas propriedades estão mostrando "algo" do ser feminino. O tangível é o atributo, o meta-tangivel é a propriedade. O espaço meta-tangível não é fixo, se modifica , se transforma; pode ser entendido como um ponto condensador (e não organizador) dos sujeitos no mundo. Não se tem uma perspectiva nem holística nem só atomística do feminino, mas o átomo no anatômico. Pela própria instauração histórica de um núcleo, não se poder pensar em um princípio *a priori* construindo o ser, o ser existe movendo-se no organismo.

Aliando a argumentação à análise, pode-se dizer que são os sujeitos Dido e Patrícia Pilar – representantes de sujeitos sociais de momentos diferentes - que fazem a propriedade amor se movimentar; são os atributos da paixão, em "repetição" sêmica, exercidos pelos sujeitos femininos Dido e Patrícia Pilar que indicam a propriedade . A propriedade paixão-amor existe independentemente de Dido e Pilar, só que precisa de outros sujeitos para viver. O sujeito é elemento integrante gerador do espaço anatômico, mas é na troca constante de sujeitos equivalentes que se vislumbra o meta-espaço.

Parece-me que o mesmo raciocínio pode ser aplicado a diferenças entre os gêneros discursivos. Literatura e discursivo midiático são linguagens. Como linguagens constituem-se de estilos próprios A linguagem se manifesta em jogos de linguagem que se epifanizam em átomos de constituições diferentes – seus estilos -, átomos que emergem em seus momentos contingenciais, mas que podem conviver na meta-instabilidade, esta entendida como o organismo da linguagem que perpassa o subjetivo mas não realiza-se sem o mesmo.

Com essa proposta de análise afirma-se, sem fundacionar, que se tem a identidade feminina em atributos que se epifanizam no anatômico identitário, que permitem, através de propriedade, entrever ângulos da natureza feminina.

Em um jogo de linguagem afirma-se que a linguagem pode representar não a essência, mas um construto "representacional"; enquanto representação *de* um construto é uma representação *em* construto. Repetindo, nem tanto ao mar nem tanto à terra, fez-se desconstrução de atributos contingenciais de épocas e discursos

diferentes, para verificar que metafísica e pragmatismo e holismo e atomismo nos possibilitam leituras que convivem em contínuo construto.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PINTO, P. R. Margutti. Pragmatismo, Ironismo e Ceticismo em Richard Rorty. In PINTO, P. R. M. et al. *Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência*. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 1998.

RAJAGOPALAN, K. Por uma pragmática voltada à prática lingüística. In SANDWAIS, A. (orga.). *A relação entre Pragmática e Enunciação*. Porto Alegre: UFRGS, em prelo.

_____. *A teoria pragmática e a necessidade de considerar o sujeito da linguagem como um agente ético*. (pré-print)

_____. O singular: uma pedra no caminho dos teóricos da linguagem. In *Cadernos de Estudos da Linguagem.* Nº 38, Campinas, Unicamp, p. 79-84.

_____. O Radicalismo e os seus Limites: Comentários sobre "Rorty e os Instrumentos da Filosofia" de B. Ramberg. In PINTO, R. H. M. et al. *Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência*. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 1998.

RORTY, R. Philosophy and the Mirror of Nature. (trad.bras.: *Filosofia e o Espelho da Natureza*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

_____. Pragmatismo, Filosofia Analítica e Ciência. In PINTO, P. R. M. et al. *Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência*. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 1998.

STRÔNGOLI, M. T. *O espaço na textualidade verbo-visual* (pre-print)

VERGÍLIO. *Eneida*. Coleção Universitária. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d;